

# INDEPENDÊNCIA OU MORTE: DESLIZAMENTOS DE SENTIDOS DA PRIMEIRA GUERRA MEMEAL ENTRE BRASIL E PORTUGAL NA MÍDIA DIGITAL

Felipe Santos dos REIS<sup>57</sup>

Regina BARACUHY<sup>58</sup>

**Resumo:** Este artigo tenciona investigar enunciados referentes ao acontecimento da Primeira Guerra Memeal entre Brasil e Portugal na WEB, por meio dos conceitos de *acontecimento discursivo* e *formação discursiva*, tais como propostos por Foucault (2004, 2008) e Pêcheux (1995, 2008). Para tanto, nosso *corpus* é composto por cinco publicações postadas na rede social *Twitter* em junho de 2016. Quanto aos procedimentos metodológicos, este trabalho adota uma abordagem qualitativa de natureza descritivo-interpretativa. A análise dos enunciados demonstra uma formação discursiva marcada pela heterogeneidade, considerando a dispersão de discursos que ora dialogam entre si, ora divergem uns dos outros.

**Palavras-chave:** Discurso. Mídia. Sociedade. Acontecimento. Formação Discursiva.

**Abstract:** *This article investigates statements related to the First Meme War event between Brazil and Portugal on the web, through the concepts of discursive event and discursive formation, as proposed by Foucault (2004, 2008) and Pêcheux (1995, 2008). Thus, the corpus consists of five publications posted on the Twitter social network in June 2016. Regarding the methodological procedures, this work adopts a qualitative approach of a descriptive and interpretive nature. The analysis of the statements shows a discursive formation marked by heterogeneity, considering the dispersion of discourses that sometimes dialogue with each other and sometimes differ from one another.*

**Keywords:** *Discourse. Media. Society. Event. Discursive Formation.*

---

<sup>57</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Paraíba, Brasil. Endereço eletrônico: [feliperejs@gmail.com](mailto:feliperejs@gmail.com).

<sup>58</sup> Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP (Campus de Araraquara). Professora Associado I na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Atua no Curso de Licenciatura em Letras Virtual (EAD) e integra o corpo docente do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV). É professora do corpo permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) e Coordenadora do Grupo de Pesquisa CIDADI - Círculo de Discussões em Análise do Discurso. Endereço eletrônico: [mrbaracuhy@hotmail.com](mailto:mrbaracuhy@hotmail.com).

## Considerações iniciais

A noção de *acontecimento* exerce um papel deveras relevante para os estudos que buscam refletir sobre a linguagem por meio de categorias conceituais elaboradas sob a égide da Análise do Discurso (doravante, AD), sobretudo a de linha francesa. Configurando-se como uma disciplina de descrição e interpretação dos dados (GREGOLIN, 2006), Pêcheux (2008) propõe que o objeto de reflexão da AD, i.e., o discurso, seja concebido tanto como *estrutura* quanto como *acontecimento*. Assim sendo, a materialidade do discurso é composta pela junção do linguístico com o histórico (PÊCHEUX, 2008). Portanto, considerando os aspectos linguísticos e históricos inerentes ao discurso, o fundador da AD sugere a adoção de três caminhos a fim de investigá-lo, quais sejam: o da estrutura, o do acontecimento e o da tensão entre descrição e interpretação.

Seguindo esses três caminhos preconizados por Pêcheux (2008), o trabalho a ser empreendido por analistas do discurso, ao iniciarem seu percurso pela via da estrutura, partiria do enunciado. Com efeito, semelhantemente à proposta de Pêcheux (2008) de que o discurso é constituído pela estrutura e pelo acontecimento, Foucault (2008) define esse objeto como um “conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação” (p. 122), devendo esse “sistema de formação” ser entendido como uma formação discursiva. Assim, partindo do princípio de que “[u]m enunciado pertence a uma formação discursiva, como uma frase pertence a um texto, e uma proposição a um conjunto dedutivo” (p. 132), é possível perceber que Foucault (2008) também enxergava no discurso não apenas sua natureza estrutural, mas também seu caráter sócio-histórico, tendo em vista que a noção foucaultiana de *formação discursiva* apresenta uma relação estreita com a de acontecimento:

Uma formação discursiva não desempenha, pois, o papel de uma figura que para o tempo e o congela por décadas ou séculos: ela determina uma regularidade própria de processos temporais; coloca o princípio de articulação entre uma série de *acontecimentos discursivos* e outras séries de acontecimentos, transformações, mutações e processos. Não se trata de uma forma intemporal, mas de um esquema de correspondência entre diversas séries temporais (FOUCAULT, 2008, p. 83, grifos nossos).

No que concerne ao segundo caminho para refletir sobre o discurso, ou seja, o do acontecimento, Pêcheux (2008, p. 17) esclarece que o acontecimento discursivo consiste “[...] no ponto de encontro de uma atualidade e uma memória”. Como é possível perceber, a definição proposta por Pêcheux (2008) para a noção de *acontecimento* abarca outro conceito basilar no

âmbito da AD: o de memória discursiva. Consequentemente, além de mobilizar os conceitos de *acontecimento e formação discursiva*, a noção de *memória discursiva* também será abordada aqui com vistas à interpretação do acontecimento discursivo que eclodiu na mídia digital no dia 13 de junho de 2016 e que ficou conhecido como *Primeira Guerra Memeal*. Para tanto, serão analisados cinco enunciados, sob a forma de publicações, postados na rede social *Twitter* entre os dias 13 e 15 de junho de 2016, período de duração desta que foi a primeira batalha digital de nível interacional da história da mídia digital. Esse conflito chegou ao fim quando os internautas brasileiros reivindicaram sua vitória no dia 15 de junho de 2016.

Ao interpretar os enunciados produzidos por usuários brasileiros do *Twitter* durante a Primeira Guerra Memeal, este artigo tenciona discutir as relações entre discurso, mídia e sociedade por meio dos conceitos de *acontecimento e formação discursiva*, tais como elaborados e discutidos por Foucault (2008) e Pêcheux (1995; 2008), buscando enfatizar as aproximações que as teorias formuladas por ambos os filósofos mantêm entre si. Mais precisamente, o foco do debate promovido aqui recai sobre os deslizamentos de sentido produzidos na mídia digital pelos enunciados referentes ao acontecimento discursivo da Primeira Guerra Memeal.

Segundo Gregolin (2015), as transformações ocasionadas pelas mídias digitais nas produções identitárias possibilitaram a composição de um campo de investigações deveras frutífero no âmbito dos estudos da linguagem, uma vez que a própria abertura e interconexão exigida da sociedade tende a pôr em risco as identidades locais e nacionais em proveito da globalização (BARBERO, 2004 apud GREGOLIN, 2015). Assim, focalizando o embate travado na internet entre usuários brasileiros e portugueses do *Twitter* pela autoria do meme “*in brazilian portuguese we don’t say*”, este trabalho busca versar sobre “[...] as novas e infinitas possibilidades criativas que se constituem através da velocidade do deslocamento da informação [...]” (GREGOLIN, 2015, p. 199).

### **Aproximações teóricas entre Pêcheux e Foucault**

Indubitavelmente, Michel Pêcheux e Michel Foucault podem ser considerados os dois teóricos mais proeminentes da AD de linha francesa, ainda que este jamais tenha se pretendido explicitamente um analista do discurso. Contudo, Gregolin (2003, p. 2) esclarece que “[a] relação – teórica e política – entre Michel Pêcheux e Michel Foucault nunca foi tranquila: havia, entre eles, enormes diferenças na leitura da obra de Marx”, por exemplo. De fato, no texto

intitulado *Remontemos de Foucault a Spinoza*, apresentado em 1977 durante um congresso no México sobre o “O discurso político: teoria e análises”, Pêcheux faz críticas ao que ele considera como um distanciamento e uma denegação por parte de Foucault em relação à questão marxista da luta de classes (GREGOLIN, 2003).

Embora a relação entre os dois filósofos franceses tenha sido marcada por conflitos de ordem teórica e política, é possível identificar pontos de convergência nas discussões promovidas por Pêcheux e Foucault sobre o discurso. Portanto, além de discutir as categorizações teóricas com base nas quais os enunciados selecionados serão analisados e interpretados neste trabalho, a exposição dos conceitos de *acontecimento* e *formação discursiva* buscará também identificar pontes que liguem os posicionamentos dos dois teóricos.

### **As noções de *acontecimento***

Como mencionado anteriormente, o acontecimento é entendido por Pêcheux (2008) não apenas como um elemento sócio-histórico que constitui, junto com a estrutura, a materialidade do discurso, mas também como o lugar de contato entre a atualidade e a memória, de modo que tal memória atravessa o discurso, em termos de sua produção e de seu funcionamento. Pêcheux (2008), portanto, formula a noção de *acontecimento discursivo* atrelada à de *discurso*, na medida em que o discurso é tanto estrutura quanto acontecimento, bem como à de *memória discursiva*, levando-se em conta o fato de que o acontecimento corresponde à intersecção entre atualidade e memória.

No que concerne ao posicionamento de Foucault (2008) diante da noção de *acontecimento*, é possível observar uma convergência teórica em relação à proposta de Pêcheux (2008), ainda que a aproximação entre eles não tenha ocorrido concomitantemente. Mais exatamente, Foucault (2008) estabelece uma clara diferenciação entre a descrição dos acontecimentos discursivos e a análise da língua: “[a]parece, assim, o projeto de uma *descrição dos acontecimentos discursivos* como horizonte para a busca das unidades que aí se formam. Essa descrição se distingue facilmente da análise da língua” (FOUCAULT, 2008, p. 30). Essa distinção indicada por Foucault entre a descrição dos acontecimentos discursivos e a análise linguística pode ser pertinentemente relacionada à diferenciação feita por Pêcheux (2008) entre estrutura e acontecimento.

De fato, em ambos os casos, tal contraste entre o linguístico e o sócio-histórico é sugerido como forma de propor etapas específicas para analisar essa materialidade dialética do

discurso, objeto este que é definido por Foucault (2008) como um “um conjunto de *enunciados*, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva” (p. 130, grifo nosso). Assim, os enunciados que compõem determinado discurso podem ser analisados com referência tanto aos aspectos linguísticos quanto aos históricos. Considerando o fato de que uma formação discursiva possui uma constituição heterogênea, a análise dos enunciados que a compõem permite observar a incorporação e coabitação de “[...] vozes dissonantes que se cruzam, entrecruzam, dialogam, opõem-se, aproximam-se, divergem, existindo, pois, espaço para a divergência, para as diferenças [...]” (GRANGEIRO, 2005, p. 6).

Diante de tais considerações, é possível perceber que todo enunciado apresenta em si a singularidade de se configurar como um acontecimento discursivo, bem como a repetição, haja vista estar associado a uma memória, abrindo espaço para um campo de enunciação que o liga a enunciados anteriores e posteriores. Considerando essa natureza heterogênea do enunciado, Foucault (2008) esclarece:

[...] um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente. Trata-se de um acontecimento estranho, por certo: inicialmente porque está ligado, de um lado, a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas, por outro lado, abre para si mesmo uma existência remanescente no campo de uma memória, ou na materialidade dos manuscritos, dos livros e de qualquer forma de registro; em seguida, porque é único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação; finalmente, porque está ligado não apenas a situações que o provocam, e a consequências por ele ocasionadas, mas, ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem (FOUCAULT, 2008, p. 31-32).

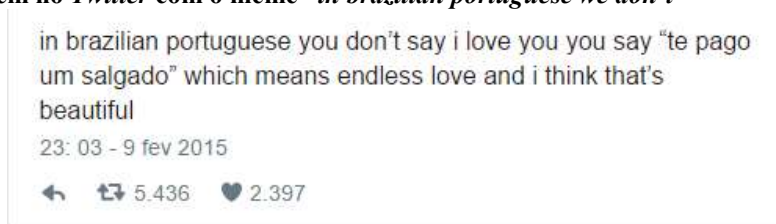
No que concerne à diferença entre a análise linguística e a descrição dos acontecimentos discursivos, Foucault (2008) ainda esclarece que essas duas formas de examinar os enunciados partem, cada uma, de questões distintas:

Eis a questão que a análise da língua coloca a propósito de qualquer fato de discurso: segundo que regras um enunciado foi construído e, conseqüentemente, segundo que regras outros enunciados semelhantes poderiam ser construídos? A descrição de acontecimentos do discurso coloca uma outra questão bem diferente: como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar? (FOUCAULT, 2008, p. 30).

Tendo sido expostos os conceitos de *acontecimento discursivo* propostos por Pêcheux (2008) e Foucault (2008), convém descrever o acontecimento que será discutido neste trabalho. Entre os dias 13 e 15 de junho de 2016, a rede social *Twitter* foi palco de uma disputa humorística que foi considerada como a primeira batalha digital de nível internacional

registrada na história da mídia digital, tendo ficado conhecida como *Primeira Guerra Memeal*. O conflito teve início quando usuários brasileiros do *Twitter* descobriram uma conta na rede social chamada “*In Portugal We Don’t*”, a qual foi se tornando cada vez mais popular desde sua criação em novembro de 2015, e acusaram-na de ter plagiado o meme “*in brazilian portuguese we don’t say*”, que fez sucesso no início de 2015 ao traduzir expressões da língua inglesa com humor, lançando mão de expressões típicas do Português Brasileiro (PB) que poderiam ser vistas como equivalentes às da língua estrangeira, como mostra a Figura 1:

**Figura 2 – Postagem no *Twitter* com o meme “*in brazilian portuguese we don’t*”<sup>59</sup>**



Fonte: [https://twitter.com/rodrigoplss/status/564967985874739200?ref\\_src=twsrc%5Etfw](https://twitter.com/rodrigoplss/status/564967985874739200?ref_src=twsrc%5Etfw).

Como é possível observar, a Figura 1 apresenta uma postagem do dia 9 de fevereiro de 2015 que faz uso do meme “*in brazilian portuguese we don’t say*” (ou “no português brasileiro, não dizemos”). No que diz respeito à definição de “meme”, mais especificamente, Fontanella (2009) esclarece:

Coloquialmente, os memes são entendidos como ideias, brincadeiras, jogos, piadas ou comportamentos que se espalham através de sua replicação de forma viral, e caracterizada pela repetição de um modelo formal básico a partir da qual pessoas podem produzir diferentes versões do mesmo meme. Dessa forma, os memes se diferenciam dos vídeos virais, pois presumem que, a medida em que esse meme se espalhe pela rede, surjam versões alteradas da ideia original (FONTANELLA, 2009, p. 8 apud BARRETO, 2015, p. 31).

No caso do meme “*in brazilian portuguese we don’t say*”, as versões alteradas pelos internautas trazem diferentes exemplos – bem-humorados, geralmente – de expressões que não seriam utilizadas no PB, em virtude da existência de outras possibilidades para expressar determinada mensagem ou ideia. Na postagem da Figura 1, o usuário brinca ao comparar a sentença *I love you* do inglês à oração *te pago um salgado*, que, para ele, significa *amor eterno*.

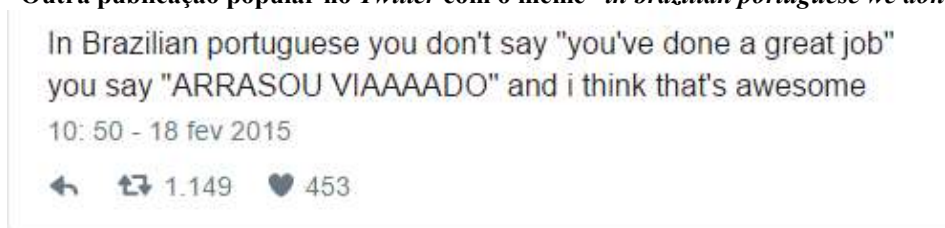
---

<sup>59</sup> Com vistas à preservação de identidades, todos os comentários e/ou memes utilizados neste artigo são exibidos sem referência aos usuários que os postaram, embora suas contas sejam abertas ao público.

Esse tuíte<sup>60</sup> foi curtido 2.397 vezes, o que pode ser considerado um número expressivo de curtidas, levando-se em conta o fato de que, dentre os 55 melhores tuítes de 2015 selecionados pela Revista Bula<sup>61</sup>, apenas 13 apresentam números maiores de curtidas, ao passo que os outros 42 possuem uma quantidade inferior a 2.397. Além disso, essa publicação foi retuitada<sup>62</sup> 5.436 vezes e aparece nas reportagens publicadas nos sites da *Sputnik* e do Jornal Zero Hora.

Outro exemplo de uso do meme “*in brazilian portuguese we don’t say*”, que começou a se popularizar entre internautas brasileiros no início de 2015, é apresentado na Figura 2:

Figura 3 – Outra publicação popular no *Twitter* com o meme “*in brazilian portuguese we don’t*”



Fonte: [https://twitter.com/korik/?ref\\_src=twsrc%5Etfw](https://twitter.com/korik/?ref_src=twsrc%5Etfw).

A publicação mostrada na Figura 2 apresenta uma brincadeira com a expressão do inglês *you’ve done a great job*. Esse tuíte recebeu 453 curtidas e foi retuitado 1.149 vezes, tendo aparecido no site O Globo. De acordo com a postagem, a expressão *ARRASOU VIAAAADO* é comumente utilizada no Brasil em situações semelhantes àquelas em que a expressão do inglês seria usada, ou seja, para parabenizar alguém pelo ótimo trabalho realizado. É necessário observar, no entanto, que o uso de tal expressão se restringe a contextos coloquiais envolvendo interlocutores com um grau elevado de familiaridade ou intimidade entre si, em comparação com o uso da tradução mais literal da supramencionada expressão em inglês, i.e., “você fez um ótimo trabalho”. Além disso, Lau (2015) ainda ressalta que o termo “viado”, embora apresente uma carga pejorativa direcionada a sujeitos homossexuais, também é utilizada pelos próprios homossexuais:

No universo heterossexual ouvimos muitos falar “viado”, “bichinha” para algo ruim, inferiorizando a orientação do sujeito homossexual. No universo gay, os próprios sujeitos se chamam de “viado” em determinados contextos [...] (LAU, 2015, p. 99).

<sup>60</sup> O dicionário Priberam da Língua Portuguesa define o termo *tuíte* como: “Publicação numa conta da rede social *Twitter*”.

<sup>61</sup> <http://www.revistabula.com/5657-os-55-melhores-tweets-de-2015/>. Acesso em: 01 ago. 2016.

<sup>62</sup> O dicionário Priberam da Língua Portuguesa define o termo *retuitar* como: “Publicar numa conta da rede social *Twitter* algo que outrem publicou”. Em outras palavras, *retuitar* significa encaminhar ou retransmitir uma publicação de outrem para seus seguidores.

Criada em novembro de 2015, a conta “*In Portugal We Don’t*” foi descoberta por usuários brasileiros do *Twitter*, *Facebook* e Desciclopédia, que a acusaram de ter roubado e plagiado o meme “*in brazilian portuguese we don’t say*”. A Figura 3 mostra a resposta publicada na conta portuguesa diante das mencionadas acusações:

Figura 4 – Resposta da conta portuguesa “*In Portugal We Don’t*” às acusações de roubo de meme



Fonte: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/06/br-x-pt-brasileiros-celebram-vitoria-da-primeiraguerra-memeal.html>.

Como mostra a Figura 3, a conta portuguesa “*In Portugal We Don’t*” considera deprimente a falta de apreciação, por parte dos brasileiros, do humor alheio. Contudo, essa troca de acusações entre alguns usuários brasileiros e portugueses no *Twitter* expandiu-se para além da discussão em torno da autoria do supramencionado meme e transformou-se numa disputa em que os usuários da rede social se polarizaram em dois grupos, i.e., brasileiros e portugueses, e começaram a defender seu país, por meio de comentários, piadas e memes, sobretudo.

Essa guerra de memes foi bastante noticiada na mídia digital tão logo emergiu no *Twitter* e se espalhou para outras redes sociais, a exemplo do *Facebook* e da *Desciclopédia*. Diversos meios de comunicação nacionais e internacionais publicaram reportagens sobre esse acontecimento em seus sites na WEB, incluindo: G1<sup>63</sup>, Correio Braziliense<sup>64</sup>, O Globo<sup>65</sup>, Desciclopédia<sup>66</sup>,

---

<sup>63</sup> <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/06/br-x-pt-brasileiros-celebram-vitoria-da-primeiraguerra-memeal.html>. Acesso em: 20 jun. 2016.

<sup>64</sup> [http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2016/06/15/interna\\_tecnologia,536535/brasil-vence-primeira-guerra-de-memes-contraportugal.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2016/06/15/interna_tecnologia,536535/brasil-vence-primeira-guerra-de-memes-contraportugal.shtml). Acesso em: 18 jul. 2016.

<sup>65</sup> <http://blogs.oglobo.globo.com/nas-redes/post/brasil-vence-primeira-guerra-memeal-entre-br-e-pt.html>. Acesso em: 18 jul. 2016.

<sup>66</sup> [http://desciclopedia.org/wiki/Primeira\\_Guerra\\_Memeal](http://desciclopedia.org/wiki/Primeira_Guerra_Memeal). Acesso em: 18 jul. 2016.



Jornal Zero Hora<sup>67</sup>, Revista Galileu<sup>68</sup>, Wikipédia<sup>69</sup>, Portal Ligação Teen<sup>70</sup>, BuzzFeed<sup>71</sup>, Sputnik<sup>72</sup>, dentre outros. A primeira reportagem sobre esse acontecimento foi publicada pela empresa norte-americana de mídia de notícias *BuzzFeed*, no dia 14 de junho de 2016, considerado o ápice da batalha.

### As noções de formação discursiva

O conceito de Formação Discursiva (doravante, FD) passou por uma série de reformulações durante as três fases que marcam o processo de instauração e consolidação da AD de linha francesa (PEREIRA, 2016). Essa evolução conceitual, marcada por transformações na noção de FD, permitiu seu direcionamento à ideia de *heterogeneidade*, que Gregolin (2007) considera como o ponto de entrecruzamento das noções pecheutiana e foucaultiana de FD. Com efeito, “[o] conceito de *formação discursiva* (FD) é um lugar teórico que torna visível a relação entre Michel Pêcheux e Michel Foucault na construção da teoria e análise do discurso” (GREGOLIN, 2007, p. 1). Devido ao fato de que a noção de FD corresponde a uma categorização basilar nas propostas de ambos os filósofos para a reflexão acerca do discurso, serão abordados os conceitos a que chegaram esses teóricos, após suas reformulações.

No que concerne a Pêcheux, o conceito de FD que será exposto e discutido aqui é baseado em trabalhos posteriores a 1980, haja vista a abertura que esses trabalhos evidenciam em relação aos deslocamentos e à rediscussão de questões relativas à conjunção entre FD, memória e história (GREGOLIN, 2007). Mais especificamente, a FD se configurava como “aquilo que determina o que pode e deve ser dito, em uma determinada formação ideológica, a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada determinada pelo estado da luta de classes” (GREGOLIN, 2007, p. 4). Essa definição de FD, baseada numa reformulação feita por Pêcheux em 1975, traz à tona a adoção dos conceitos marxistas de “ideologia” e “luta de classes”, os

---

<sup>67</sup> <http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/noticia/2016/06/entenda-a-guerra-de-memes-entre-brasil-e-portugal-6025437.html>. Acesso em: 18 jul. 2016.

<sup>68</sup> <http://revistagalileu.globo.com/blogs/buzz/noticia/2016/06/o-brasil-declarou-guerra-de-memes-contr-a-portugal.html>. Acesso em: 18 jul. 2016.

<sup>69</sup> A Wikipédia excluiu a página que fornecia informações sobre o acontecimento da Primeira Guerra Memeal: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Primeira\\_Guerra\\_Memeal](https://pt.wikipedia.org/wiki/Primeira_Guerra_Memeal). Acesso em: 18 jul. 2016.

<sup>70</sup> <http://www.ligacaoteen.com.br/curiosidade-humor/brasileiros-arrasam-portugueses-na-primeira-guerra-de-memes-da-historia-da-internet-mundial/73846/>. Acesso em: 18 jul. 2016.

<sup>71</sup> [https://www.buzzfeed.com/rafaelcapanema/brasileiros-e-portugueses-brigam-no-twitter-por-meme?utm\\_term=.jjggAgBLb#\\_yV5b5lJK](https://www.buzzfeed.com/rafaelcapanema/brasileiros-e-portugueses-brigam-no-twitter-por-meme?utm_term=.jjggAgBLb#_yV5b5lJK). Acesso em: 18 jul. 2016.

<sup>72</sup> <http://sputniknews.com/world/20160618/1041569190/brazil-portugal-war-memes.html>. Acesso em: 18 jul. 2016.

quais não fazem parte da proposta de Foucault, que será discutida mais detalhadamente ainda nesta subseção.

Convém ressaltar ainda que essa reformulação feita por Pêcheux (1995) para o conceito de FD leva em conta a relação dialética entre as regularidades e as instabilidades dos sentidos, ou seja, a articulação entre sistematicidade e dispersão. As regularidades dos sentidos podem ser entendidas em termos de semelhanças ou repetições possíveis de ser identificadas, em meio à dispersão, nos enunciados que compõem um dado discurso. É a partir da teorização das instabilidades, contudo, que ocorrem aprimoramentos relevantes na teoria e análise do discurso em Pêcheux. Duas relações são enfatizadas por Gregolin (2007) como sendo decisivas para esse refinamento da teoria, quais sejam: (1) a relação entre FD e interdiscurso, de modo que os sentidos, no contexto de uma dada FD, dependem do interdiscurso; e (2) a relação entre intradiscurso e interdiscurso, responsável pela realização das práticas discursivas e de processos discursivos diferenciados, os quais, por sua vez, permitem que os sujeitos produzam e reconheçam os sentidos na história (GREGOLIN, 2007).

Em suma, a FD deve ser entendida como uma unidade constitutivamente atravessada pela divisão entre suas regularidades, que incluem, por exemplo, suas regras de formação, e sua intrínseca dispersão ou instabilidade, em virtude de suas fronteiras permitirem o entrecruzamento e o diálogo com outras formações discursivas, o que abre espaço, dentro da própria FD, para movimentos variados de aproximações e conjunções, bem como de divergências, diferenças e oposições. Desta forma, a constituição heterogênea da FD permite a incorporação e coabitação do interdiscurso em seu interior (GRANGEIRO, 2005). No que se refere ao *interdiscurso*, convém ressaltar a importância que tal noção apresenta no quadro teórico da AD, devido à estreita relação que o interdiscurso mantém com outros conceitos cruciais, como, por exemplo, “a memória discursiva, que aprofunda a relação da linguagem com os processos sócio-históricos” (GRANGEIRO, 2005, p. 6).

Como mencionado anteriormente, a noção foucaultiana de FD exerceu influência nas reformulações empreendidas por Pêcheux em seu processo de construção de tal conceito. Mais exatamente, Foucault (2008) esclarece que:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* - evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e consequências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais

como “ciência”, ou “ideologia”, ou “teoria”, ou “domínio de objetividade” (FOUCAULT, 2008, p. 43).

A definição formulada por Foucault (2008) para FD apresenta paralelos com aquela proposta por Pêcheux, devido ao fato de que ambas as noções sugerem a ocorrência de regularidades nos enunciados em meio à dispersão. Baronas (2011) esclarece que a FD, para Foucault, corresponde a um sistema em cujo interior se produz um conjunto de regras responsáveis por definir a identidade e o sentido dos enunciados que formam tal sistema, ou seja, tal FD: “[e]m outros termos, é a própria formação discursiva como uma lei de série, princípio de dispersão e de repartição dos enunciados que define as regularidades que validam os seus enunciados constituintes [...]” (BARONAS, 2011, p. 2). Portanto, ainda que Foucault (2008) julgue inadequado lançar mão do termo “ideologia” para designar a FD, o que poderia ser visto como uma oposição ao posicionamento de Pêcheux – que incorporou as categorias marxistas de “ideologia” e “luta de classes” em sua conceituação –, a heterogeneidade que caracteriza a constituição da FD para ambos os filósofos permite, como o próprio conceito de FD recomenda, criar uma ponte de diálogo em meio à dispersão teórica e política entre eles.

Gregolin (2007) observa que a noção foucaultiana de FD diz respeito a um conceito concatenador que mantém relações estreitas com outras categorias propostas pelo teórico, tais como *acontecimento e memória discursiva*, por exemplo. De acordo com a autora, a releitura realizada por Courtine (1981) das propostas de Foucault permitiu não simplesmente aplicá-las à AD, mas, sim, trabalhar através de sua perspectiva no escopo da disciplina. Assim, a inserção da problemática da memória no cerne da noção de FD pode ser vista como uma contribuição de Courtine (1981) na “[...] interlocução entre a obra de Pêcheux e as propostas de Foucault” (GREGOLIN, 2007, p. 6).

Seja a FD entendida como um sistema de dispersão constituído por enunciados cujos sentidos são determinados por regras produzidas em seu interior (BARONAS, 2011), tal como Foucault a concebe, ou ainda como uma unidade constitutivamente heterogênea “[...] que, numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* [...]”, como propõe Pêcheux (1995, p. 160 apud GRANGEIRO, 2005, p. 5, grifo nosso), torna-se patente o fato de que a investigação sobre o discurso deve partir de uma base linguística (GREGOLIN, 2007). De fato, como discutido anteriormente, um dos três caminhos recomendados por Pêcheux (2008) para refletir sobre o discurso envolve precisamente o plano linguístico, de forma que, a fim de descrever a estrutura, faz-se necessário recorrer aos enunciados, compreendidos em termos de sua singularidade de acontecimento, bem como de

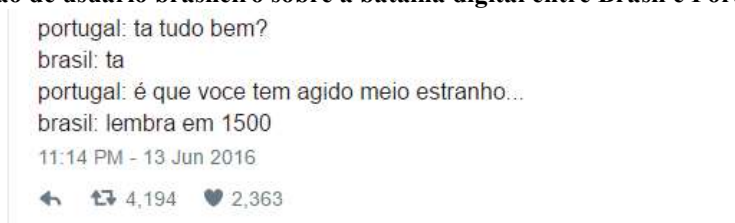
sua repetição, uma vez que os enunciados pressupõem um campo de enunciações que os liga a uma memória, ou seja, à repetição.

Assim, levando-se em consideração o fato de que a unidade central de análise dessa disciplina de interpretação e descrição dos dados corresponde ao enunciado, o acontecimento discursivo é entendido como a emergência de enunciados que se inter-relacionam e produzem efeitos de sentido. Com base na singularidade do acontecimento em sua irrupção histórica, bem como no pressuposto de que o enunciado emerge num campo de enunciações ao qual ele está articulado, Gregolin (2006, p. 27) destaca que “[n]o enunciado há, portanto, uma articulação dialética entre singularidade e repetição”.

Diante de tais considerações sobre o estatuto do enunciado dentro da AD, o foco do debate promovido aqui recairá sobre cinco enunciados que emergiram em meio à dispersão de um acontecimento discursivo que irrompeu pela primeira vez na história da mídia digital: *Primeira Guerra Memeal*. Os cinco enunciados que fazem parte do *corpus* de análise deste trabalho foram selecionados com base nos seguintes critérios: (1) os enunciados precisam ter sido divulgados em pelo menos duas das nove reportagens publicadas pelos meios de comunicação consultados sobre o acontecimento discursivo em questão, quais sejam, G1, Correio Braziliense, O Globo, Desciclopédia, Jornal Zero Hora, Revista Galileu, Portal Ligação Teen, BuzzFeed, Sputnik; (2) os enunciados precisam apresentar, no mínimo, duas centenas de curtidas e/ou retransmissões; e, por fim, (3) os enunciados precisam ter sido produzidos por internautas brasileiros na rede social *Twitter* entre os dias 13 e 15 de junho de 2016.

Esses três critérios foram adotados como forma de enfatizar aspectos relativos tanto à singularidade dos enunciados enquanto acontecimentos discursivos quanto à regularidade de sua estrutura. Vejamos o primeiro enunciado na Figura 4:

**Figura 5 – Publicação de usuário brasileiro sobre a batalha digital entre Brasil e Portugal**



Fonte: <http://sputniknews.com/world/20160618/1041569190/brazil-portugal-war-memes.html>.

A Figura 4 apresenta uma publicação na rede social *Twitter* em 13 de junho de 2016, dia em que teve início a Primeira Guerra Memeal. Este enunciado mostra uma conversa fictícia entre Brasil e Portugal que remonta à descoberta do país pelos portugueses. Assim, de acordo

com esse tuíte, a batalha digital, que emergiu no contexto da atualidade, teria suas raízes num fato histórico: a descoberta do Brasil pelos portugueses. Nesse diálogo imaginário entre as duas nações, Portugal, enquanto uma personagem personificada, pergunta se o Brasil está bem e, em seguida, faz um comentário sobre o comportamento “estranho” que a personagem deste país estaria apresentando. Eis a resposta do Brasil ao comentário de Portugal: “lembra em 1500”. Desta forma, é possível perceber que a emergência da batalha digital entre os dois países seria, na realidade, uma espécie de resposta à colonização efetuada pelos portugueses no território que mais tarde viria a se tornar brasileiro.

Da mesma forma que os brasileiros guardam na memória um processo de colonização marcado pela exploração e subordinação, os portugueses também carregam em seu imaginário querelas contra os brasileiros, como, por exemplo, o “roubo da língua portuguesa”. Diversas publicações no *Twitter* apresentam retaliações às críticas que os portugueses fazem aos brasileiros por considerarem que estes roubaram sua língua, como mostra a Figura 5:

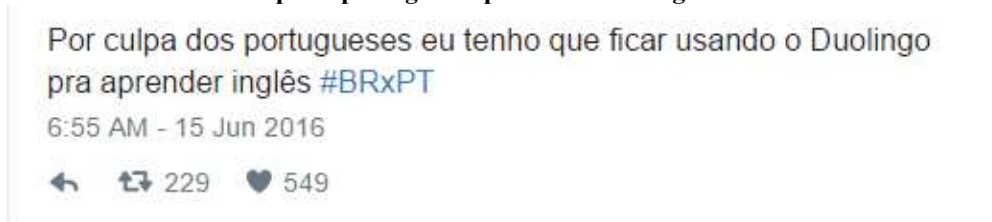
**Figura 6 – Internauta brasileira demonstra frustração com a colonização do Brasil pelos portugueses**



Fonte: <https://twitter.com/NickLMFX/status/742700486558650368>.

Como é possível perceber a partir da Figura 5, a usuária brasileira que postou esta publicação no *Twitter* imputa aos portugueses a culpabilidade de se falar o português, ao invés do inglês, no Brasil. Na realidade, o enunciado da Figura 5 parece mostrar uma resposta a uma suposta acusação de que os brasileiros teriam roubado a língua dos portugueses. Assim, a usuária defende seus compatriotas declarando que a vontade da maioria dos brasileiros (“todo mundo aqui”) era de falar o inglês como língua nativa, o que poderia ter sido alcançado caso alguma expedição inglesa tivesse encontrado o território brasileiro, ao invés das frotas portuguesas. De modo semelhante, a Figura 6 também mostra uma frustração compartilhada por diversos internautas brasileiros em relação à necessidade de aprender inglês:

**Figura 7 – Usuário brasileiro culpa os portugueses pelo fato de a língua nativa do Brasil não ser o inglês**



Fonte: <http://sputniknews.com/world/20160618/1041569190/brazil-portugal-war-memes.html>.

O internauta brasileiro responsável pela publicação exibida na Figura 6 demonstra sua frustração explicitando a necessidade de aprender a língua inglesa por meio do Duolingo, que diz respeito a um *website* de ensino de idiomas gratuito. Como é possível observar, o usuário também imputa aos portugueses a culpa pelo fato de que, no Brasil, se fala o português, e não o inglês. Por fim, a Figura 7 também traz um enunciado que apresenta um contra-ataque à acusação de que os brasileiros teriam roubado a língua portuguesa. Contudo, diferentemente das outras duas publicações discutidas anteriormente, as quais demonstram apenas frustração em relação ao fato de que a língua nativa do Brasil não é o inglês, neste enunciado a usuária faz menção ao “nosso ouro”, que foi objeto de desejo da corte real portuguesa durante o período colonial (FURTADO, 1982).

**Figura 8 – Internauta brasileira contra-ataca a acusação de “roubo da língua portuguesa”**



Fonte: <https://twitter.com/shesbeliwber/status/742766816523649024>.

Assim, o uso do verbo *devolver* no modo imperativo permite interpretar essa sugestão por parte da internauta brasileira como implicando um ato de retirada desse ouro pelos portugueses. De fato, Pedreira (1998, p. 438) explica que “[...] durante a primeira metade do século XVIII o ouro tornou-se de longe o recurso mais vital do império português”. O enunciado da Figura 7, portanto, apresenta um ataque, sob a forma de acusação de retirada do “nosso ouro”.

Diante do exposto, o enunciado da Figura 7 permite observar deslizamentos que produzem efeitos de sentido sobre as representações e identidades brasileira e portuguesa, criando tensões e polêmicas atuais, tais como a posição internacional que a língua inglesa detém

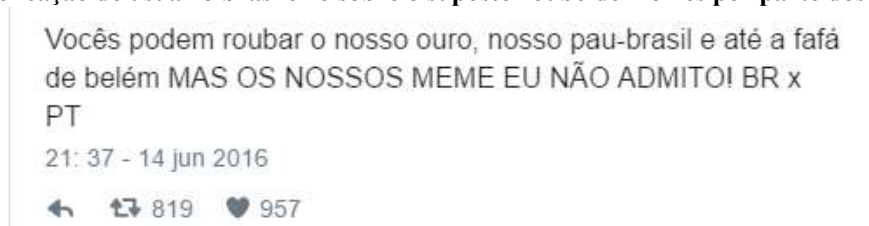
no mundo contemporâneo e que leva à necessidade de aprendizagem do inglês por parte de usuários não nativos. Atualmente, quando pessoas que não falam uma mesma língua materna desejam se comunicar, o inglês é vastamente escolhido como o meio para promover tal contato. Por conseguinte, o uso do inglês entre falantes não nativos passou a ser designado *Inglês como uma Lingua Franca* (ILF). Esse tipo de interação está crescendo continuamente em todo mundo, causando o surgimento de diversas variedades não nativas da língua inglesa. Tal diversidade nos usos do inglês reflete não somente o estatuto global que a língua passou a adquirir principalmente a partir dos anos 1950, mas também “a forma como a sociedade moderna passou a usar e a depender” do idioma (CRYSTAL, 1997, p. 63).

Todas as referências à língua inglesa por parte de internautas do Brasil nos enunciados das Figuras 5, 6 e 7 demonstram a necessidade que o mercado de trabalho do mundo globalizado demanda na atualidade, de forma que os tuítes apresentam uma articulação entre uma atualidade e uma memória, configurando-se, pois, como um acontecimento, levando-se em consideração a concepção pecheutiana de que este consiste “[...] no ponto de encontro de uma atualidade e uma memória” (PÊCHEUX, 2008, p. 17).

Quanto à questão da memória, os deslizamentos produzem efeitos de sentido que trazem à tona formulações anteriores, as quais remetem ao período colonial, quando os recursos naturais do território brasileiro eram explorados com vistas ao enriquecimento do império português. Esses deslizamentos produzem efeitos sobre as representações e as identidades antagônicas dos brasileiros, enquanto vítimas de exploração e roubo que têm necessidade pungente de aprender inglês, e dos portugueses, enquanto exploradores e ladrões de ouro, pau-brasil e memes. Desta forma, poder-se-ia inferir que os efeitos de sentido foram ocasionados pelo acionamento que o texto faz das redes de memória, numa articulação com fatos atuais.

Os efeitos de sentido produzidos nos enunciados supramencionados podem ser observados mais claramente em outra publicação postada no *Twitter*, como mostra a Figura 8:

**Figura 9 – Publicação de usuário brasileiro sobre o suposto roubo de memes por parte dos portugueses**



Fonte: <http://blogs.oglobo.globo.com/nas-redes/post/brasil-vence-primeira-guerra-memeal-entre-br-e-pt.html>.

Como é possível perceber, a Figura 8 mostra uma publicação por parte de um usuário brasileiro no primeiro dia da batalha digital. Neste enunciado, há uma oposição entre Brasil e Portugal que também remonta ao processo de colonização, entre os séculos XVI e XIX. A natureza beligerante da batalha entre Brasil e Portugal é enfatizada pelo uso da conjunção adversativa *mas*, que contrapõe objetos brasileiros que despertavam desejo nos portugueses de outrora, tais como “nosso ouro” e “nosso pau-brasil”, aos objetos que se tornaram o pivô da Primeira Guerra Memeal, ou seja, os memes. Ademais, o uso de letras maiúsculas no enunciado “Vocês podem roubar o nosso ouro, nosso pau-brasil e até a fafá de belém MAS OS NOSSOS MEME EU NÃO ADMITO! BR x PT” também reforça a beligerância e agressividade do enunciado, devido ao fato de que, no âmbito da linguagem da internet, letras maiúsculas são convencionalmente usadas para simular grito. Desta forma, assim como o Grito do Ipiranga, *Independência ou morte!*, figura na memória discursiva como o marco da independência do Brasil, o grito “MAS NOSSOS MEMES NÃO” tem resplandecido em inúmeras publicações no *Twitter* desde o início da Primeira Guerra Memeal.

### **Singularidade dos enunciados**

É possível perceber que os cinco enunciados discutidos aqui apresentam uma oposição atual entre Brasil e Portugal que está relacionada ao “roubo” de um meme cuja autoria é reivindicada pelos brasileiros. De fato, esse confronto de nacionalidades passou a ser expresso nas publicações em redes sociais pela *hashtag*<sup>73</sup> #BRxPT, o que ratifica a faceta de atualidade dos enunciados, uma vez que o uso de *hashtags* para a indexação de informações, assuntos e/ou tópicos nas redes sociais começou no próprio *Twitter*, que foi lançado em julho de 2006 e que serviu de campo de batalha para a Primeira Guerra Memeal. Além disso, uma oposição histórica entre Brasil e Portugal também emerge nos enunciados, remetendo à própria “descoberta” do país pela frota portuguesa comandada por Pedro Álvares Cabral em 22 de abril de 1500. A articulação entre fatos da atualidade, como o “roubo” de memes e o uso de *websites* e cursinhos para aprender inglês, e redes de memórias, acionadas nos enunciados com referência à descoberta e colonização do Brasil pelos portugueses, permite a identificação de consequências consideradas negativas por parte de internautas brasileiros, com destaque para a necessidade

---

<sup>73</sup> O dicionário Priberam da Língua Portuguesa define *hashtag* como: “Palavra ou sequência de palavras unidas antecedida do sinal cerquilha (#), usada geralmente para identificar assuntos nas redes sociais”.



que os brasileiros, de modo geral, têm de aprender a língua inglesa, que não é a língua materna do Brasil por “culpa” dos portugueses.

Esse efeito de oposição torna-se ainda mais claro ao observar a regularidade dos enunciados na utilização contrastante de pronomes, a exemplo de *tu* e *vocês*<sup>74</sup>, de um lado, e de *eu*, *a gente*, *nós* e *nosso(s)*, do outro, em que os pronomes pessoais de segunda pessoa são, de modo geral, usados com referência aos portugueses, ao passo que os pronomes de primeira pessoa remetem aos brasileiros e às suas posses.

### **Regularidades nos enunciados**

No que concerne ao caminho da estrutura, cujo trabalho deve partir dos enunciados, a análise dos cinco enunciados demonstra uma regularidade quanto aos posicionamentos antagônicos de brasileiros e portugueses, na medida em que todos os enunciados apresentam o uso de pronomes pessoais como forma de estabelecer uma demarcação clara entre os indivíduos das duas nacionalidades. Assim, os pronomes de primeira pessoa (*eu*, *a gente*, *nosso(s)*, *nós*) e os de segunda pessoa (*vocês*, *você*, *sua*) são mobilizados num jogo estratégico de oposição, caracterizado pelo fato de que os pronomes de primeira pessoa se referem, de modo geral, aos brasileiros, ao passo que os de segunda pessoa, aos portugueses, tendo em vista que os enunciados analisados foram produzidos por internautas brasileiros. Contudo, esse jogo é invertido no contexto de dois enunciados que abrem espaço para a perspectiva do polo contrário, ou seja, o polo dos portugueses.

No caso do primeiro enunciado, mostrado na Figura 4, o uso de *você* ocorre numa das falas de Portugal (“portugal: é que voce tem agido meio estranho...”), em seu diálogo com o Brasil, o que, conseqüentemente, inverte essa oposição, tendo em vista que, do ponto de vista de Portugal, o uso de pronomes de primeira pessoa remeteria aos próprios portugueses, enquanto os de segunda pessoa, como, por exemplo, o uso de *você* na fala supramencionada, seriam direcionados ao Brasil. Não obstante, convém ressaltar que, embora haja uma inversão, a oposição demarcada entre Brasil e Portugal pelos pronomes se mantém.

No que concerne ao enunciado da Figura 5, i.e., “Vendo os português falando que roubamos sua língua, filhos, todo mundo aqui queria era falar inglês e colonizado pela Inglaterra

---

<sup>74</sup> Aquino e Souza (2011) destacam que, embora seja classificado pela Gramática Tradicional dentro da categoria de *formas pronominais de tratamento* ou *pronomes de tratamento*, o pronome *você(s)* assume atualmente no português brasileiro a função de pronome pessoal do caso reto.

BR x PT”, o pronome *nós* como sujeito oculto da forma verbal *roubamos* abarca os brasileiros, de modo geral, que são também compreendidos na expressão *todo mundo* seguida do dêitico *aqui*, ou seja, no Brasil. Em contrapartida, o pronome possessivo de segunda pessoa *sua* é utilizado para se referir à língua dos portugueses.

Embora ocorra no número singular, o pronome de primeira pessoa *eu*, tal como usado no enunciado da Figura 6, i.e., “Por culpa dos portugueses eu tenho que ficar usando o Duolingo pra aprender inglês #BRxPT”, também apresenta uma oposição aos portugueses, que são tratados em tal enunciado como sendo “culpados” pelo fato de não se falar o inglês como uma língua nativa no Brasil, o que remete, mais uma vez, à questão da descoberta e colonização por parte dos lusitanos.

Já o enunciado “‘vocês roubaram nossa língua’ devolve nosso ouro que a gente usa pra pagar um cursinho de inglês na wizard br x pt”, exibido na Figura 7, apresenta uma peculiaridade: o uso de aspas para remeter a autoria da fala “vocês roubaram nossa língua” aos portugueses. Portanto, no contexto de tal sentença, o pronome *vocês*, ao invés de se dirigir aos portugueses, se direciona aos brasileiros, em virtude de ser esta, na realidade, uma menção à fala tipicamente produzida por portugueses em relação ao roubo da língua portuguesa pelos brasileiros. Contudo, os pronomes possessivo e pessoal de primeira pessoa *nosso* e *a gente*, respectivamente, evidenciam um posicionamento contrário ao pronome *tu* na função de sujeito oculto da forma verbal *devolve* no imperativo, o qual remete a Portugal, que, segundo a acusação do enunciado, teria roubado “nosso ouro”.

Por fim, eis o último enunciado, mostrado na Figura 8: “vocês podem roubar o nosso ouro, nosso pau-brasil e até a fafá de belém MAS OS NOSSOS MEME EU NÃO ADMITO! BR xPT”. É possível perceber que o uso contrastante dos pronomes *vocês*, com referência aos portugueses, bem como *nosso* e *nostros*, que estabelecem uma conjunção dos brasileiros com alguns objetos que são tipicamente oriundos do país, como o ouro, o pau-brasil e a cantora brasileira Fafá de Belém. Assim, os memes produzidos por internautas brasileiros assumem, no contexto do enunciado supramencionado, um estatuto de pertencente à nação, da mesma forma que o ouro, o pau-brasil e a artista o são.

Diante de todas as observações referentes às regularidades na estrutura dos enunciados que compõem o acontecimento discursivo da Primeira Guerra Memeal, verifica-se uma formação discursiva deveras heterogênea, caracterizada pela dispersão de discursos que ora dialogam entre si, ora divergem uns dos outros. Deste modo, discursos humorísticos sobre o roubo de memes dialogam com discursos históricos sobre a extração de ouro e de pau-brasil

pelos portugueses durante a colonização do Brasil, assim como discursos econômicos sobre a necessidade imposta pelo mercado globalizado de se falar inglês parecem se afastar do discurso humorístico em direção a um discurso nacionalista marcado pela contradição: ao mesmo tempo em que os internautas brasileiros partem para o ataque contra Portugal em defesa dos memes de sua pátria, eles parecem se identificar com uma frustração nacional em relação à sua própria língua materna, o que significa que a constituição identitária dos brasileiros – ou pelo menos dos internautas brasileiros que curtem e compartilham as publicações analisadas –, é clivada, heterogênea e cindida entre a própria língua materna, com a qual e por meio da qual os usuários brincam nos memes tão prontamente defendidos e reivindicados nas postagens, bem como pela frustração em ter o português, e não o inglês, como língua nativa do Brasil.

### **Considerações finais**

Com base no acontecimento discursivo da Primeira Guerra Memeal, é possível perceber que os enunciados investigados aqui compõem uma FD heterogênea, em que discursos humorísticos dialogam com discursos políticos que permeiam toda a história do Brasil, desde seu descobrimento até a atualidade. Assim, a Primeira Guerra Memeal foi deflagrada a partir da acusação de que os portugueses haviam roubado um meme que teria sido inventado pelos internautas brasileiros. Essa própria acusação de roubo de meme é perpassada por uma memória que remete à extração de pau-brasil e ouro durante o processo de colonização do Brasil, o que evidencia um entrecruzamento entre uma atualidade e uma memória que parece atravessar as relações políticas, econômicas, sociais e culturais entre Brasil e Portugal no contexto desse acontecimento. O acionamento da rede de memórias provoca deslizamentos que produzem efeitos de sentido sobre as representações e as identidades antagônicas dos brasileiros, enquanto vítimas de exploração e roubo, e dos portugueses, enquanto exploradores e ladrões de memes.

Por meio das noções foucaultiana e pecheutiana de *acontecimento* e de *formação discursiva*, os enunciados podem ser analisados tanto em termos de sua singularidade de acontecimento, que envolve uma oposição entre Brasil e Portugal provocada na atualidade, em virtude de uma conta portuguesa no *Twitter* chamada “*In Portugal We Don’t*” supostamente ter roubado um meme criado por internautas brasileiros, e uma oposição histórica entre as duas nações que foi ativada nos enunciados por meio das redes de memória relativas à colonização de exploração no Brasil pelos portugueses. Essas oposições são observadas tanto em termos linguísticos, no uso contrastante de pronomes, quanto em termos discursivos e históricos, nas

referências negativas à colonização. Assim sendo, a constituição da formação discursiva no interior da qual surgiram os enunciados da Primeira Guerra Memeal se configura como deveras heterogênea, caracterizada pela dispersão de discursos que ora dialogam entre si, ora divergem uns dos outros.

## Referências

AQUINO, L. D.; SOUZA, M. M. **O estudo de mecanismos verbais de interação na língua portuguesa: contribuições Sistêmico-Funcionais**. Glauks. v. 11, 2011, p. 93-123.

BARBERO, J. M. **Ofício de cartógrafo: Travessias latinoamericanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

BARONAS, R. L. Formação discursiva e discurso em Foucault e em Pêcheux: Notas de leitura para discussão. In: **V Seminário de Estudos em Análise do Discurso**. Porto Alegre, 2011.

BARRETO, K. H. **Os memes e as interações sociais na internet: Uma Interface Entre Práticas Rituais e Estudos de Face**. Juiz de Fora: UFJF, 2015.

COURTINE, Jean-Jacques. Le discours communiste adressée aux chrétiens. **Langages**, Paris, número 62, 1981.

CRYSTAL, D. **English as a Global Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FONTANELLA, F. I. **O que é um meme na Internet? Proposta para uma problemática da memesfera**. III Simpósio Nacional ABCiber, São Paulo, 2009.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. 18. ed. São Paulo: Nacional, 1982.

GRANGEIRO, C. R. P. A propósito do conceito de formação discursiva em Michel Foucault e Michel Pêcheux. In: II SEAD - Seminário de Análise do Discurso, 2005, Porto Alegre. **Anais do II SEAD**. Porto Alegre: UFRGS, 2005, p. 1-8.

GREGOLIN, M. R. V. **Michel Pêcheux e Michel Foucault: diálogos necessariamente intranquilos entre dois pensamentos inquietos**, 2003. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/1SEAD/Paineis/MariaDoRosarioValencieGregolin.pdf>. Acessado em: 26 jun. 2016.

\_\_\_\_\_. AD: descrever-interpretar acontecimentos cuja materialidade funde linguagem e história. In: NAVARRO, P. **Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos**. São Carlos (SP): Claraluz, 2006, p. 19-34.

\_\_\_\_\_. Formação discursiva, redes de memória e trajetos sociais de sentidos: mídia e produção de identidades. In: BARONAS, R. L. (Org.). **Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. São Carlos: Pedro & João editores, 2007.

\_\_\_\_\_. Discursos e imagens do corpo: heterotopias da (in)visibilidade na WEB. In: FLORES, G. G. B.; NECKEL, N. R. M.; GALLO, S. M. L. (Org.). **Análise de discurso em rede: cultura e mídia**. Campinas: Pontes, 2015, p. 191-213.

LAU, H. D. A (des)informação do bajubá: fatores da linguagem da comunidade LGBT para a sociedade. **Temática**, Paraíba, v. 11, n. 2, p. 90-101, fev. 2015.

PÊCHEUX, M. (1975). **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Traduzido por Eni Pulcinelli Orlandi, Lorenço Chacon J. Filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana M. Serrani, 2ª ed., Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

\_\_\_\_\_. (1988). **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 5. ed. Trad. Eni Orlandi, Campinas, SP: Pontes, 2008.

PEDREIRA, J. M. As consequências econômicas do império: Portugal (1415-1822). In: **Análise Social**, vol. XXXII (146-147), 1998, pp. 433-461.

PEREIRA, L. M. Entre a Cruz e a espada: a metáfora da crucificação e os deslocamentos de sentidos na mídia digital. In: Seminário Internacional de Estudos sobre Discurso e Argumentação (SEDiAr), 3, 2016, Sergipe. **Anais...** Ilhéus: Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz, 2016, p. 2774-2785.